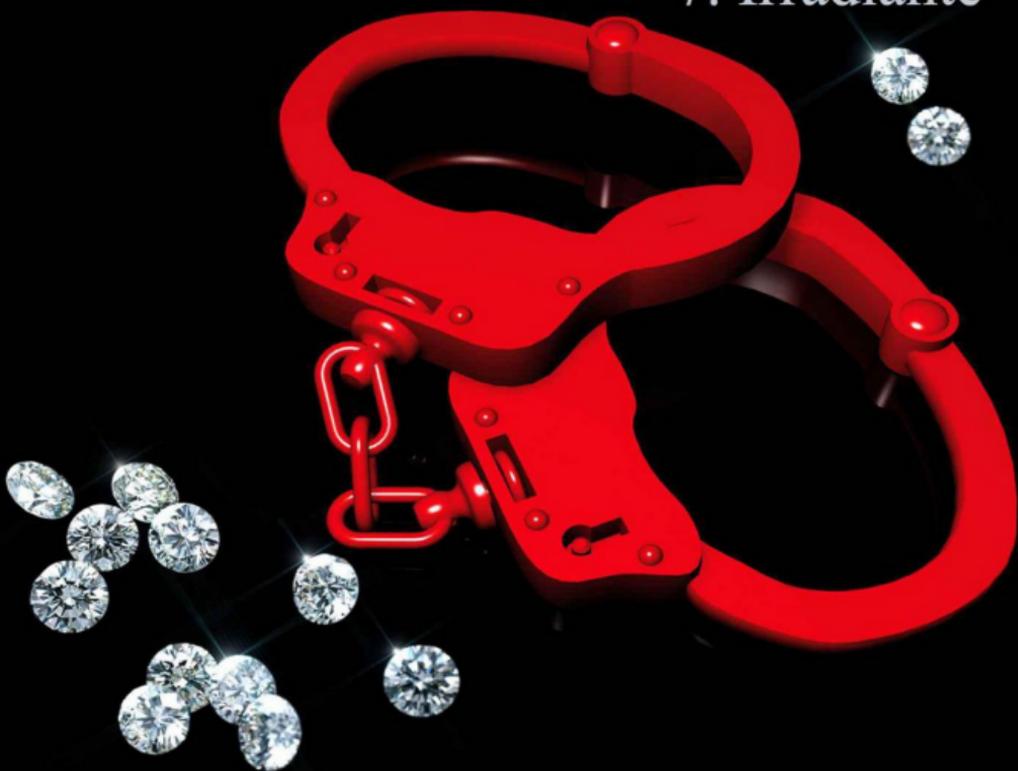


Emma Green

# Cem Facetas do Sr. Diamonds

7. Irradiante



Addictive Publishing

Emma Green

# Cem Facetas do Sr. Diamonds

7. Irradiante



Addictive Publishing

Emma Green

**CEM FACETAS DO SR.  
DIAMONDS**

**Volume 7: Irradiante**

# 1. Em seu lugar

As mensagens de texto noturnas de minha melhor amiga puseram fim a minha noite idílica com Gabriel. Saí do quarto sorrateiramente para relê-las com a cabeça descansada. Mas não estou nem perto de encontrar repouso. Enquanto meu amante dorme o sono dos justos, eu repasso em minha cabeça as revelações de Marion. A misteriosa noiva não morreu ao dar à luz como eu acreditava, ela se suicidou quando o filho nasceu. Que espécie de mulher poderia fazer uma coisa dessas? E como

se isso não bastasse, posso acrescentar Silas a este quadro mórbido. Então o irmão de Gabriel era o melhor amigo de Eleanor, seu confidente, aquele para quem ela escreveu antes de se suicidar há treze anos. E aquele que me ameaça e estraga a minha vida há meses. Acreditei que ele fosse meu amigo, eu o redescubro nos traços do corvo a quem procurava desmascarar. Não consigo resistir nem um segundo a mais à vontade de ligar para ele destilando meu veneno. Só espero que Marion o tenha deixado imediatamente.

– Silas, era você!

– Ah, enfim, Amandine! Você se deu conta de que sou o homem de quem você

precisa?

– Eu me dou conta sobretudo de que você é o pior dos canalhas!

– Isto não é novidade...

Embora eu tentasse até então gritar baixinho para não acordar Gabriel que dormia ao lado, me ponho a urrar ao telefone:

– Pare! Sei o que você fez! Faz meses que você banca o cara simpático, o gêmeo acessível, benevolente, adorável e você me crava um punhal nas costas?! Os bilhetes, os e-mails, as fotos, os presentes horríveis!

– Não gosta dos Beatles?

– Um vestido de noiva cheio de

sangue! Você é completamente doente! Vou chamar os tiras, já deveria ter feito isso há muito tempo.

– ... Amandine, sei que é difícil de acreditar, mas fiz isso por você. Você não escuta, não vê, quero abrir os seus olhos. Você não sabe onde está pisando.

– Em uma família de loucos, isso é certo. Sabe que a isso se chamam "ameaças de morte", isso que você fez? Que você poderia ir para a cadeia por causa disso?

– Não com o advogado que eu tenho. Escute, gosto muito de você, queria colocá-la em guarda, fazê-la desistir. Você não devia teimar assim.

– Ocupe-se mais com você e com os seus problemas mentais.

Com o telefone colado ao ouvido, queimando, ouço a voz de Silas falhar do outro lado da linha. Ele pigarreia e continua, contendo os soluços.

– É de Virgílio que tenho de me ocupar. Todos os dias há treze anos. E da memória de Eleanor. Prometi a ela, você não pode entender. Não se quebra uma promessa feita em um leito de morte.

– Mas prometer o que, porra?!

– Vou desligar, Amandine. Sinto muito se lhe dei medo, não farei mais. Agora você está avisada. Você não desviar Gabriel de seu passado.

– E não cabe a ele decidir isso?

Por toda resposta, ouço o sinal do telefone. E minha cabeça latejar. Silas acaba de desligar na minha cara. Devem ser quatro horas da manhã, eu erro na nova sala, os pés descalços, vestida apenas com a camisa branca de Gabriel, grande demais para mim. Somente o cheiro do tecido amassado consegue me acalmar. Meus olhos pouco a pouco se acostumaram com a escuridão e eu olho a minha volta para avaliar o presente que ele acaba de me dar. Um apartamento só para mim. Mobiliado, decorado, todas as despesas pagas. E em meu bairro preferido.

*Será que ele não estaria me comprando? Preciso falar com ele...*

Eu me insinuo no quarto e deslizo para debaixo dos lençóis, me enroscando no corpo nu e quente de meu amante adormecido. Ele me vira as costas, não sei o que murmurar para acordá-lo. Sopro suavemente sua nuca e lhe dou um beijo de leve atrás da orelha. Ele se vira lentamente, estende o braço musculoso que me envolve os ombros e me aperta contra ele. Coloco minha bochecha em seu peito musculoso, depois sinto uma lágrima molhar a minha pele e a dele. Em seu semi-sono, Gabriel sem dúvida o nota, pois que se põe a me acariciar os cabelos antes de, afinal, abrir os olhos.

– Uma mulher tão bela jamais deveria

chorar.

– Temos de conversar...

– Agora?

– Tem uma coisa que eu não disse a você.

Ele se vira de lado para ficar de frente para mim, apóia a cabeça na mão e com a outra levanta a minha coxa sobre suas pernas nuas. Seu rosto parece preocupado, mas seu olhar se desvia, ele está pensando em outra coisa.

– Minha camisa deixa você terrivelmente sexy.

– Gabriel, por favor.

– Mas prefiro você sem.

Sua mão vem se pousar em minha bochecha em fogo, ele enxuga as minhas lágrimas com o polegar, e seu dedo acaba em minha boca. Como de cada vez, em qualquer situação, em qualquer de seus gestos, sua sensualidade me atravessa. Gabriel tem o dom de me deixar muda, de me colocar aos seus pés. Ele é a graça e a virilidade encarnadas, a mais suprema tentação. Com um movimento ágil, ele me vira e me põe escarranchada sobre ele. Mesmo deitado de barriga para cima, encerrado entre as minhas coxas, ele me domina. E é com um movimento seco, desta vez, que ele me arranca a camisa, fazendo saltar todos os botões. Eu os ouço rolar

pelo assoalho enquanto meu amante acaricia os meus seios com uma mão de ferro. A urgência de seu desejo faz nascer o meu como que por encanto. Esqueço tudo a respeito das revelações que eu tinha a lhe fazer quando sinto sua ereção roçar meu sexo. Seus dedos hábeis excitam os meus mamilos e o meu clitóris em uma sincronização perfeita que me faz perder a cabeça. Ainda sentada sobre meu amante jovial, inclino a cabeça para trás, me abandonando a suas carícias divinas. A conversa pode esperar, quero que ele me faça gozar, não penso mais do que nisso.

Este instante de desatenção me foi fatal. Com um pulo, Gabriel me deitou

de braços e se instalou de joelhos atrás de mim. Ao mesmo tempo em que me acaricia as costas, desde a nuca até a parte de baixo das costas, eleva minha bacia e o atrai para si. O roçar de minhas nádegas em seu sexo tenso rapidamente se torna insuportável. Eu me arqueio para lhe oferecer a minha intimidade impaciente, molhada, fervendo. Ele me penetra enfim, com uma lentidão insolente, e eu posso sentir cada centímetro de seu sexo enervado abrir caminho dentro de mim. É o mais delicioso dos suplícios. Meu amante se retira, me deixando desesperadamente vazia, ávida, antes de me pegar pelas ancas e de me penetrar de novo com um ardor que me surpreende. Suas

investidas são cada vez mais rápidas, mais profundas, e meus suspiros se transformam em gritos. Reclamo mais, mais rápido e mais forte, como nunca fiz antes. Ouço minhas nádegas estalar contra seu ventre e a bestialidade deste corpo-a-corpo me deixa louca. Meu repentino abandono, essas sensações novas e o prazer que me submerge neste instante vão muito além de tudo o que pude viver antes. Gabriel me conquista, mais e mais, grunhindo selvagemente atrás de mim e um orgasmo fulgurante me tira o fôlego durante intermináveis segundos. Tempo bastante para que meu amante goze em mim nas últimas sacudidelas deste tremor de terra.

Nós dois desabamos na cama imensa, nossos corpos arquejantes luzidios de suor. Cruzo com o olhar brilhante de Gabriel, que cai na gargalhada.

– Você sempre vai me surpreender, Amande louca.

Rio por minha vez, ao mesmo tempo feliz pelo prazer, aturdida de amor e surpresa com minha própria audácia. Meu amante me beija por toda parte antes de saltar da cama, nu e magistral, e correr para a sala de banhos para abrir a água do chuveiro.

– Espero por você, Amande doce?

– Não, acho que meu corpo se recusa

a se mexer.

– Então até daqui a pouco.

Gabriel fecha com o calcanhar a porta da sala de banhos, e ver os músculos de suas nádegas quicando me faz literalmente derreter. Eu me enrosco de seu lado da cama, apertando em meus braços o travesseiro impregnado de seu cheiro, consciente do sorriso estúpido que não sai do meu rosto. Hesito em juntar-me a ele debaixo da água escaldante ou em desfrutar mais um pouco de minha embriaguez. Ébria, estou ébria de felicidade. E creio poder dizer que jamais vi Gabriel tão feliz. Isso é tão raro que eu quase esqueceria o caso Silas, para melhor desfrutar de

sua alegria de viver e de sua serenidade, que me ganham.

*Você não está sonhando, o intratável Diamonds está cantarolando embaixo do seu chuveiro.*

Parece-me que reconheço a melodia de uma canção de Elton John. Aplico o ouvido e percebo as palavras gotejantes filtrando-se por sob a porta: "How wonderful life is, now you're in the world". De repente, uma fraca luz branca ilumina intermitentemente a escuridão do quarto e eu vejo o iphone de Gabriel se deslocar na mesa de cabeceira sob o efeito do vibracall. O nome e a foto de Virgílio aparecem na

tela, faço uma pausa, em seguida decido atender.

– Sim, alô?

– Alô? Quem fala?

– Amandine, Gabriel está tomando banho.

– ...

– Virgílio, você está aí?

– ...

Este garoto sempre me espanta. Não sei se é tão atormentado quanto o pai, tão antissocial quanto sua tia Celeste ou simplesmente mal-educado, mas suas reações nunca são as que espero. Tento me lembrar de que ele tem só 13 anos, que supostamente devo agir como adulta

diante dele e que teve um princípio devida horrível...

– Espere um segundo, vou passar para o seu pai.

– Silas tinha prometido! Nenhuma outra mulher, nunca! Ninguém substituirá minha mãe, ele prometeu! A culpa por ela ter morrido é dele! Eu o odeio, não quero que ele seja meu pai! Quero que ele morra! E você também!

*Como?!*

Meu cérebro em ebulição hesita entre o pânico, a cólera e a pena que esta criança me inspira. No espaço de uma hora, dois membros do clã Diamonds me

ameaçaram de morte e desligaram na minha cara, chorando. Coloco o telefone no lugar e tento reconstituir o insolúvel enigma em minha cabeça. Quem poderia desejar a um homem, tendo enviuvado tão jovem, jamais refazer sua vida? Quem desejaria fazer uma criança carregar um fardo tão pesado? Que espécie de promessa, por mais simbólica que ela seja, ainda se mantém depois de todos esses anos? Que família poderia aceitar viver no luto e na dor por tanto tempo? O que Eleanor tinha de tão especial para estar ainda tão presente treze anos depois de sua morte? E, sobretudo, que papel pôde desempenhar meu misterioso Gabriel no suicídio de sua noiva para que seu filho

o considere como responsável?

Sei bem, e sem dúvida melhor que ninguém nesse momento, do que ele é capaz. De tudo e de nada. Do melhor e do pior. Mas daí a provocar a morte de uma mulher a quem tanto amou? Não o creio nem por um segundo culpado por um assassinato, mas que sabe que domínio ele tinha sobre ela, em que estado podia colocá-la, que limites físicos e psicológicos ele pôde fazê-la repelir, mais e mais?

*Meu Deus, tenho a impressão de falar de mim... Enfim, talvez Silas tenha razão. E com ele Camille. E Marion e Tristan. E todos aqueles que*

*querem me proteger. Talvez eu devesse parar de escavar. Cada vez mais compreendo o que eu poderia encontrar.*

Gabriel sai da sala de banhos, com uma toalha azul-clara enrolada em volta das ancas. Seus cabelos louros molhados e borrifados, seus abdominais bem definidos e o começo aparente de seu púbis o tornam terrivelmente sexy. Se pelo menos meus olhos pudessem se ligar a outra coisa que não a sua irresistível beleza... Eu daria tudo para saber quem de fato se esconde nesse corpo de Apolo. O diabo em pessoa?

– Adoro esta canção... Desculpe,

falou comigo?

– Não, seu filho ligou.

– Vocês se conheceram melhor?

– Você acha? Será que isso é realmente uma possibilidade?

– Por que não? Você conseguiu me cativar...

– Mas por que tudo tem de ser sempre tão complicado?

– Você parece atormentada, Amande amarga.

– Somente cansada.

– Bom, sabe o que Virgílio queria?

– Você deveria ligar de volta para ele.

Ponho fim à conversa indo para o meu lado da cama e virando as costas

para Gabriel. Não estou prestes a dormir, mas ao menos posso fingir.

Esta primeira semana em meu novo apartamento foi entremeada por sentimentos diferentes. A alegria de ser proprietária deste lugar espaçoso e *confortável* ao mesmo tempo, que já adoro, e as angústias que me assaltam cada vez que penso novamente em Gabriel, em Silas, em Virgílio. E mais do que tudo, em Eleanor e em todos os mistérios que a cercam. Felizmente, enquanto meu milionário está mergulhado na negociação de contratos lucrativos, ocupei a cabeça esvaziando meu antigo apartamento, fazendo e desfazendo meus cartões de visita,

arrumando as malas. Desde a cerimônia de entrega dos diplomas e o fim do estágio, não vi o tempo passar. Nem mesmo tive tempo de sofrer com meu ócio recente nem com a solidão: Marion e Tristan com tanta frequência estão por perto que eu quase tenho a impressão de que eles moram lá. Sua simplicidade, sua leveza me fazem um bem enorme. Eles continuam a tentar sem sucesso me fazer abandonar Gabriel, mas ao menos me ajudam a manter os pés no chão e a avaliar a situação. Tristan está mais motivado do que nunca a descobrir toda a verdade sobre o caso Diamonds/Fitzgerald.

Este sábado à noite, Marion foi

encontrar um cara que encontrou na Internet para "tratar o mal pelo mal", como diz, depois de haver rompido com Silas. Quanto a Tristan, continua sentado no chão no meio da sala, o laptop nos joelhos e dezenas de folhas espalhadas a sua volta, rabiscadas com sua letra de canhoto a quem se obrigou a escrever com a mão direita. Ao digitar, ele mordisca a haste dos óculos que só usa para trabalhar e que passa a vida a tirar. Adoro o ar concentrado que o faz franzir as sobrancelhas quando acredita ter uma pista. Tristan não é apenas mignon, como digo a ele com frequência, é dotado de um charme que ignora completamente. O dos rapazes inteligentes, que nunca mentem, que riem

espontaneamente, que cheios de pequenas manias adoráveis e jamais calculadas. Eu o conheço há anos, mas jamais me cansei de vê-lo torcer a mecha de cabelos castanhos no topo da cabeça ou esfregar os olhos com a palma das mãos quando está cansado. Na adolescência, ele me impressionava muito, eu tinha um xodó por ele e confiara mesmo a Marion que gostaria de me casar com seu irmão quando crescesse. Esta lembrança me faz sorrir e pensar novamente no passado com nostalgia, mesmo estando feliz de contá-lo entre os meus amigos hoje. Enquanto sorvo meu café descafeinado, olho para ele com uma ternura infinita.

Tristan se sente observado e levanta o nariz para mim retirando os óculos pela enésima vez. Ele me avalia, um pouco vexado, e quebra esse silêncio, que suporta mal:

– No que está pensando?

– Em nossa infância. Ela me parece tão distante...

– É verdade que aos 23 anos seria bom se apressar em se casar e ter filhos.

– Com Gabriel, começou mal!

– Bem... comigo, não...

– Hein? O que foi que você disse?

– Que eu gostaria muito de casar com você e ter filhos.

– Oh! Muito gentil. Se aos 40 anos eu ainda continuar solteira, lembrarei que

você disse isso. Topo.

Eu lhe estendo a mão para selar esse pacto improvisado, ele a pega mas não a solta. À custa de um esforço sobre-humano, mergulha seus olhos amendoados nos meus e inspira profundamente antes de falar:

– Eu estava falando de agora. Nós nos entendemos tão bem... Não é? Quanto a mim, me sinto bem aqui. Enfim, com você. Pff... Não sei se há uma maneira certa de dizer isso, vou ser deplorável em todo caso. Mas acho que me apaixonei por você. Gosto de quem você é. Adoro quando você prende rapidamente os cabelos com um lápis e

mechas rebeldes chegam a escapar. Gosto quando você cai na risada com Marion e isso a faz franzir o nariz. Adoro quando você se enerva porque falo mal de seu milionário. Adoro quando se faz bonita, mesmo quando não é para mim. Adoro quando se irrita desde que não concordamos com você. Adoro os seus assomos de cólera e a sua má-fé. E seu riso, e sua voz. Adoro o fato de você nunca desistir quando quer realmente alguma coisa. E gostaria muito de ser esse alguma coisa. Eu a admiro muito, Amandine, tudo o que você vive, o que você faz, o que diz, gosto de tudo. De fato, acho que estou louco por você. E agora preciso realmente que você diga alguma coisa,

porque falei por muito tempo sem respirar, porque não tenho mais fôlego e quase não tenho mais dignidade.

Sua longa tirada me aturdiu. Pelo espaço de um instante, acho que me senti lisonjeada, talvez mesmo seduzida por esta declaração de amor dita com tanta sinceridade. Nunca me disseram nada tão bonito. Pelo espaço de um instante, cheguei a pensar que este amor tão puro, tão íntegro, tão verdadeiro, talvez fosse aquilo de que eu precisava. Que Tristan seria um bom companheiro, um bom pai, uma perfeita escolha racional. Mas durante todo esse tempo, nem por um segundo consegui tirar o belo rosto de meu amante de minha cabeça, seu cheiro

invadindo as minhas narinas, sua aura correndo em minhas veias e todas as nossas lembranças enchendo o meu coração. Não, este amor não é razoável, sim, sem dúvida ele vai me fazer sofrer, mas vou correr o risco. Sem refletir. Gabriel me faz sentir mais viva do que nunca, faz meu coração bater mais rápido do que Tristan jamais poderá fazer, e o elo invisível que nos une é mais forte que qualquer amor da infância, que qualquer sonho de garotinha. Gabriel Diamonds não é o príncipe encantado que eu esperava, é bem mais do que isso.

Por razões que ainda me escapam, Eleanor escolheu a morte. Sem hesitar,

escolho a vida, eu o escolho. E Tristan já entendeu isso.

## 2. Na hora das contas

Ou Gabriel está muito ocupado, ou procura fugir da conversa que temos de ter sobre Eleanor. Há uma semana ele mal atende os meus telefonemas, passa para me ver rapidamente, encurta os nossos almoços na sacada e olha para longe quando tento atrair sua atenção. Há uma semana não fazemos amor e nem mesmo isso parece lhe fazer falta. Se eu fosse paranóica, diria mesmo que ele foge de mim. Há dois dias ele nem mesmo responde às minhas mensagens de texto. Como uma mulher adulta e

razoável que não sou, decidi não persegui-lo, deixar-lhe seu espaço vital e fingir ser a bela indiferente mais do que a apaixonada tímida e paralisada.

*Muito bem, garota, você está amadurecendo!*

Minha vozinha interior de súbito se parece com a de meu pai! Tiro ela de minha cabeça para me dedicar a Tristan, ainda sentado no chão de minha sala naquele domingo à tarde, apesar de nossa conversa delicada da véspera. Espantosamente, ele recebeu muito bem minha resposta glacial a sua declaração inflamada. Não quero perder sua resposta preciosa e ele aceita oferecê-la

a mim sem me pedir nada em troca. Mas sei que ele continua a esperar secretamente e me é difícil olhar meu amigo Tristan como antes. Também sei que se ele se obstina em suas pesquisas em torno de Eleanor Fitzgerald, não é apenas para matar a curiosidade, mas também para poder passar um tempo comigo e talvez encontrar uma verdade perturbadora que me afastaria definitivamente de Gabriel. Tento agir naturalmente e lhe proponho uma cerveja gelada e alguns bolinhos de aperitivo aguardando a volta de Marion, que ainda saiu para transar com seu novo parceiro.

Por volta das 19h00, ela gira a cópia

da chave na fechadura e bate a porta com a suavidade que lhe é peculiar. Posso ouvir seus passos de mamute no corredor e Tristan dá uma alfinetada antes mesmo de ela aparecer na sala.

– Cuidado, lá vem o elefante na loja de porcelana, escondam os bibelôs!

Ele vem se sentar ao meu lado no canapé para ver chegar sua irmã e finge se esconder como uma criança assustada refugiando-se em meus braços.

– Bom dia, Tristan. Papai urso não gosta muito desta recepção. E não aprecia ver bebê urso se esconder debaixo das saias de sua mãe.

É a voz de Gabriel que ressoa e seu corpanzil elegante de repente ocupa todo o espaço. Sua tirada de humor contrasta com o olhar sombrio e a aparência voluntariamente desdenhosa. Tristan se afasta de mim quase sobressaltando, como uma criança pega em flagrante fazendo besteira. Eu me jogo no pescoço de meu amante, que não me pode devolver o abraço porque tem as mãos ocupadas por sacolas com o nome de uma famosa delicatessen. Tristan, por sua vez, se levanta, mas também não pode ir apertar a mão de Gabriel como gostaria de fazê-lo para quebrar o gelo. O silêncio que se segue instala certo mal-estar no aposento e os dois galos se

medem sem se falar. Este duelo silencioso é muito depressa vencido por meu amante intransigente. Tristan tenta sair da enrascada como pode.

– Toma um aperitivo conosco?

– Se o senhor o permitir, meu caro Tristan, gostaria de dividir essas guloseimas com minha Amande em nosso novo ninho de amor.

– Se posso, por minha vez, me permitir, meu caro Gabriel, parece-me que Amandine tinha outros projetos em seu apartamento.

Tristan reforçou bem as palavras e estou surpresa com tanta audácia. Gabriel foi claramente ferido em seu

orgulho e sinto que esta disputa verbal começou mal.

– Amande, querida, será que você pode dizer a seu amigo, que parece não querer entendê-lo, que é de praxe partilhar o champanhe e o caviar a dois?

– Não se dê a esse trabalho, Amandine. Vou indo antes que ele a obrigue a me colocar porta afora. É engraçado, eu pensava que esse tipo de gente tinha um pouco mais de educação. Nos vemos!

Tristan pegou as suas coisas, me deu um beijo sonoro no rosto e foi embora sem olhar para Gabriel. Eu me vejo em frente a meu amante, calada, indignada e

decepcionada com minha própria covardia. Eu deveria ter tentado segurá-lo.

– Isto nem mesmo me diz tchau e ousar dar lições de educação?

– "Isto" se chama Tristan. Você o põe para fora e queria que ele apertasse sua mão?

– Se estou incomodando, posso ir embora, Amandine.

– Do que está falando? Você teve o que queria, não?

– Aparentemente isso não é o que você quer! Portanto, repito-o, basta que o diga, vou embora de onde vim e você só terá de assobiar para que Tristan volte como um cãozinho.

– Eu o proíbo de falar dele desse jeito! É meu amigo.

– É muito mais do que isso. Ele está apaixonado por você, passa a vida aqui, acha que não sei disso?

– Sim, ele me ama! Ele me disse! E se quer saber, Tristan me ama muito bem. Ele me estima, me respeita, pede a minha opinião e não vem a minha cabeça para ditar as regras. Não age como se eu pertencesse a ele.

– Você me pertence, são minhas condições e você as conhece muito bem.

– Tristan me ama incondicionalmente!

Ao ouvir estas palavras, Gabriel me fulmina. Solta os pacotes que segura nas

mãos e seu conteúdo vem se quebrar em meu assoalho. O champanhe se derrama lentamente enquanto Gabriel me pega pelos ombros e me encosta à parede. Aperta o domínio e cola sua testa de encontro à minha. Seu sussurro parece um grito.

– Escolha. Imediatamente.

– Escolher o que?!

– Ele ou eu.

– Qualquer um!

– Você é minha mulher. Nenhum homem deve se aproximar de você, eu não o suportaria. Escolha!

– Não sou sua mulher, sou seu objeto, Gabriel!

Ao invés de enervá-lo ainda mais, minha resposta o encoraja. Em seu olhar sombrio se acende uma centelha de desejo, de orgulho e de possessividade que me assustam. Meu amante me ergue do chão e se cola contra mim, aprisionando-me entre seu corpo forte e a parede dura e fria às minhas costas.

– Seja meu objeto, Amande. Seja minha amiga, meu amor, minha amante. Seja tudo para mim. Serei tudo para você.

Nesse momento de rara intensidade, eu me dou conta de que é a primeira vez que Gabriel me pede tanto. E me dá tanto. É a sua maneira, violenta e

ardente, de me declarar sua paixão. Sei bem demais que é um custo para ele revelar seus sentimentos. E os meus me queimam os lábios neste instante. Eu gostaria de gritar que o amo. Como nunca amei. Que não posso viver sem ele e que aceito cada uma de suas condições sem a menor hesitação. Que estou disposta a tudo para conservá-lo junto a mim. Estes pensamentos me causam vertigem.

*Você não pode, não deve lhe confessar nem a metade nem um quarto de tudo isso. Guarde para você!*

Para evitar pronunciar palavras de que me arrependeria e que talvez fossem

minha ruína, mergulho o rosto no de Gabriel e o beijo na boca. Um beijo langoroso e profundo que diz muito sobre a escolha que ele me pede para fazer. Meu amante me devora descobrindo a resposta que esperava. Ao mesmo tempo em que continua a me beijar ferozmente, me leva até a mesa da sala onde me deita delicadamente. É sem delicadeza alguma que arranca as minhas roupas e as suas. Sua ereção fenomenal me reclama urgentemente e o desejo que ferve em meu ventre o deseja. Sem nenhuma preliminar, Gabriel me penetra com uma grande investida. Deitada em cima da mesa, pego as suas nádegas contraídas e nelas planto minhas unhas para obrigá-lo a

ficar dentro de mim por longos segundos. Não conheço melhor sensação no mundo. Meu amante prisioneiro em minha intimidade se debate. Suas mãos viris abrem as minhas coxas e ele mantém doravante as minhas pernas estendidas no ar, quase a 180°. Ele se retira para observar o novo caminho que abriu para si e vem de novo plantar seu sexo imenso dentro de mim. Dou um grito delirante de prazer e o deixo conquistar minhas profundezas. Enquanto ele desliza com ardor entre os meus lábios, seus olhos percorrem os meus seios nus e estendidos para ele, minha boca entreaberta e gemente, minha bacia se oferecendo para ele, recebendo

as suas poderosas investidas com avidez. À beira do orgasmo, eu me arqueio para pedir mais. Meu amante selvagem se desencadeia e goza enfim com um grunhido rouco, se derramando em meu corpo que treme com um prazer bestial e interminável.

Gabriel me carregou como uma boneca de pano, e nós nos achamos, nus e saciados, enlaçados em meu canapé. A ternura substituiu a bestialidade. Ao mesmo tempo em que me acaricia os cabelos, ele aproveita a minha fraqueza para me perguntar o que conto fazer de minhas próximas semanas. Sou obrigada a lhe confessar que não consegui trabalho desde o fim de meu estágio com

Éric. Apesar de meu diploma recém-adquirido, as minhas tentativas de encontrar emprego foram em vão. O mercado de trabalho ainda parece mais fechado do que o previsto para os jovens jornalistas. Há uns bons dez minutos, tento convencê-lo de que trabalhar para ele não é uma boa ideia.

– Amande, você sabe que não pode encontrar experiência melhor para fazer a sua carreira deslanchar.

– Também sei que devo conservar minha independência, Senhor quero-controlar-tudo!

– E você sabe que eu a admiro por isso. Mas não gosto muito de vê-la resistir a mim. Diga-me sim.

– Gabriel, estou suficientemente apegada a você sem ter de a isso juntar uma relação patrão-empregada. Vou ficar louca!

– Louca por mim, isso me convém perfeitamente.

– Está vendo, já está misturando tudo. A resposta é não.

– Você só terá de trabalhar com meu diretor de comunicação. Não trabalhará diretamente para mim. Vou apresentá-la a James, ele saberá formá-la. E você vai melhorar seu inglês.

– O que, em L.A.?!

– Não há nada que a segure aqui! E eu quero minha Amande perto de mim, todos os dias. E todas as noites.

– Nada? Toda a minha família mora aqui! E os meus amigos.

– Eles poderão vir nos ver. Mas você tem de se despedir de seu Tristan. Você escolheu... Senhorita Baumann, bem-vinda à Diamonds Company.

Ao pisar os pés em solo americano, sob o calor já esmagador do fim de maio na Califórnia, ainda me pergunto como pude aceitar trabalhar para a empresa de Gabriel. O contrato que assinei com James Anderson, diretor da companhia, só me emprega por três meses, mas a ideia de passar todo o verão na vila dos Diamonds não me encanta. É fato, Celeste me detesta. O pai, George, se mostra sempre educado e caloroso, mas

a fria Prudence ainda vai me olhar de cima e zelar como uma loba por seu filho adorado. Também vou ter de enfrentar o adolescente rebelde Virgílio, que há pouco queria minha morte, e suas reações imprevisíveis vão continuar a me assustar. Ainda tenho mil coisas a acertar com Silas e ainda não tive chance de falar com Gabriel a respeito desta história de corvo. Sem esquecer, é claro, o fantasma de Eleanor que continua a ser presença ameaçadora nesta casa e me traz de volta a todas as perguntas sem resposta.

Quando Gabriel e eu entramos na magnífica residência, tão luxuosa que tenho a impressão de descobri-la pela

primeira vez, encontro todos esses rostos familiares que vieram receber o herói do dia (e de sempre).

*Assim como a figurante que o acompanha.*

Ninguém parece saber o que estou fazendo ali, duvido que Gabriel tenha se dado ao trabalho de informar a eles sobre meus novos projetos profissionais. Os bons-dias são friamente cordiais, quando não são desdenhosos. Felizmente para mim, não sou a única intrusa no impenetrável clã dos Diamonds neste dia. Celeste apresenta como seu "noivo" certo Barthélemy, que parece ao menos tão

pouco à vontade quanto eu. E este grande urso de pelúcia de comportamentos simples destoa claramente do cenário montado com esmero. Aquele a quem todo mundo chama "Bart" tem uns bons trinta anos e uma barriguinha, surpreendente em meio a todas essas silhuetas longilíneas. Sua calça jeans um pouco larga e sua camisa apertada de mangas curtas, cujas finas listras verticais devem fazer com que ele parece mais magro, seus cabelos castanhos frisados, difíceis de disciplinar, e a barba de quatro ou cinco dias que recobrem suas boas bochechas lhe dão um ar desleixado. Mas seus belos olhos amendoados suaves pousam sobre mim um olhar benevolente e ele

dirige a mim um sorrisinho cúmplice que ilumina seu belo rosto cordial.

*Barthélemy, não o conheço, mas já o amo!*

Aparentemente, sou a única a me espantar com o novo status marital de Celeste e com a presença deste misterioso noivo. Seja porque fui mantida longe do segredo, seja porque os Diamonds excelem realmente na arte dos fingimentos e dos sorrisos forçados. Mas a sublime liana negra não parece particularmente próxima de seu futuro marido, e meu instinto fareja de imediato um negócio um pouco suspeito. Rapidamente, os pais saem de fininho

com a graça que os caracteriza e Bart os imita partindo na direção oposta. Celeste não procura segui-lo ou retê-lo, ela aproveita para apertar Gabriel longamente em seus braços pela quarta vez no espaço de dez minutos. Ouço meu amante felicitá-la pelo futuro casamento e Silas conversa comigo, sorrindo, como se nada fosse. Esta hipocrisia ambiente me faz sair do sério e eu me vejo, quase sem querer, a confessar as verdades que por tanto tempo guardei para mim.

– Silas, por que você não conta a seu irmãos todos os maravilhosos presentes que você me ofereceu? Seus bilhetinhos, suas emocionantes lembranças do passado. Oh! e eu estava esquecendo

este magnífico vestido de noiva coberto com sangue. Realmente tocante.

*Amandine, o que é que deu em você?! Quer uma passagem grátis para Paris?!*

O cinismo de minha voz só surpreende a mim. Celeste e Gabriel saem de seu terno abraço para dirigir olhares esbugalhados em nossa direção. Estranhamente, sinto a necessidade de me justificar, como se estivesse no banco dos réus, como se existisse uma mínima possibilidade que fosse de eu não ser a vítima, mas a culpada.

– Faz meses que Silas me persegue,

me apavora, me manda mensagens codificadas e presentes mórbidos para me afastar de você. Eu estava morta de angústia, não ousei falar sobre o assunto, achava que ninguém ia acreditar em mim.

– Sil, diga-me que isso não é verdade, retumba a voz grave de Gabriel, sem afastar de mim o olhar.

– Sim, Silas, diga a verdade a seu irmão adorado, retomo com mais veemência, sustentada pelos olhos espantados de meu amante. Mostre-nos seu verdadeiro rosto de corvo debaixo desta cara de anjo.

– Gab, me escute. Eu só queria testar a sua sinceridade. Não queria vê-lo sofrer mais.

– Não minta para mim, Silas!

A voz rouca de Gabriel se faz cada vez mais surda.

– Eu não podia fazer diferente. Você sabe o que prometi a Eleanor, a Virgílio. Eu o eduquei em seu lugar, porra! Não podia deixá-la roubar você de nós. Você estava inteiramente ocupado com ela, estava se esquecendo da gente, fugindo das suas responsabilidades! Eu só queria protegê-lo. E proteger Amandine também, não sabia como fazer para...

A queixa desesperada de Silas é brutalmente interrompida pelo murro que Gabriel lhe dá no rosto. Estou tão

chocada com as confissões soluçantes de um quanto pela violência súbita do outro. Que visivelmente não terminou por aí com seu irmão.

– Você não vai tocar mais em um só fio de cabelo de Amandine ou eu o matarei com as minhas próprias mãos. E você sabe que isso não é só modo de falar.

Silas, agachado no chão, alisa a bochecha que já começa a ficar azul. Suas lágrimas e sua aparência assustada o fazem parecer um passarinho ferido. Tento não esquecer o que ele me fez, mas não consigo deixar de me enternecer.

– Vai pedir desculpas a Amandine imediatamente. Quanto a você, minha Amande, é a última vez que você me esconde alguma coisa.

Gabriel me beija ternamente na testa enquanto Silas murmura vagos pedidos de desculpa incompreensíveis entre dois fungados. O rosto encolerizado de meu amante parece de repente se acalmar. Ele se inclina para seu gêmeo, no chão, para lhe estender a mão e ajudá-lo a se levantar.

– Sei o que você fez e por que o fez. Sou grato, Silas, e só por esta razão vou fechar os olhos para tudo isso. Mas você vai me prometer passar uma borracha na

promessa que o liga a Eleanor e eu vou apagar de minha memória os horrores que acabo de ouvir. De agora em diante, quero ver você tratar Amandine como sua própria irmã.

Ao ouvir estas palavras, Celeste solta um risinho abafado, entre o suspiro de irritação e o riso arrogante. Ela olha seus irmãos caírem um nos braços do outro, e permanece impassível, como se tivesse o hábito destas cenas surrealistas.

— Vocês dois são completamente doentes. Jamais os entenderei. Eu bem sabia que a semelhança de Amandine com Eleanor ia deixá-los loucos. Não

comecem de novo um triângulo amoroso, é tudo o que peço a vocês. E deixem Virgílio fora disso, ele não precisa reviver esse calvário pela segunda vez. Quanto a você, Amandine, todos tentamos preveni-la. Se ainda está aqui, é porque coragem do que eu acreditava. E você vai precisar. Espero sinceramente que esteja à altura.

*Obrigada pelo conselho, Celeste!*

### **3. Com armas desiguais**

Meu primeiro dia em Los Angeles não poderia ter sido pior. Às 20h00, estou pronta para ir me deitar, deixando discretamente de comparecer ao jantar familiar, aturdida com a alteração violenta da tarde. Há duas horas, Gabriel e Silas estão mergulhados em uma conversa, intensa e meio sussurrada, que não tenho interesse em interromper. Ainda não me refiz do acesso de violência de meu amante e

admito menos ainda que ele tenha tão facilmente perdoado as atitudes odiosas de seu irmão gêmeo. Celeste continuou a me ignorar, cuidando de suas obrigações como se nada ou quase nada tivesse acontecido, e Virgílio me olhou fixo enquanto eu perambulava pelo jardim; um olhar ameaçador e repleto de insinuações, que não consigo mais suportar. Apenas Barthélemy me dirigiu algumas palavras reconfortantes quando cruzou comigo, o rosto pálido. Pude saber que ele era suíço e que tinha muitas saudades de seu país, sua família e seu cachorro. Mas que seu amor imenso por sua futura mulher o fazia ficar e que se sabia sortudo por fazer parte da grande família Diamonds. Bart

teve pena de mim, e me precisou que a perspectiva de sua nova vida aqui o assustava tanto quanto a mim, mas que, enquanto isso, aqui se comia melhor que em qualquer outro lugar da América. Este grande urso de pelúcia conseguiu me fazer sorrir, mas eu me sinto mais sozinha do que nunca. Estou a dois passos de pedir socorro a meu pai, para que ele venha me buscar como no primeiro dia da pior colônia de férias de minha infância.

Respiro fundo e decido começar tomando um banho e me metendo debaixo dos lençóis para esquecer tudo, dormir e ver o que o amanhã me reserva. No longo corredor que leva às suítes,

uma camareira me indica a que me está reservada. Quase caio no choro na sua frente quando descubro que não se trata dos aposentos de Gabriel, mas de um dos quartos reservados aos convidados.

*Mais um golpe baixo da Sra. Diamonds mãe...*

Arrepio caminho para me dirigir com audácia para a suíte de meu amante, esperando dividi-la com ele durante todo o tempo que durar minha estadia aqui, quer isso agrade a Prudence, quer não. E mesmo que isso não deva me agradar, visto meu rancor e a pouca vontade que tenho de passar a noite com ele.

## *Mentirosa...*

Na curva de um corredor, engulo as minhas lágrimas quando cruzo com Celeste, toda emperiquitada em um vestidinho cor de laranja que ilumina sua tez cor de caramelo. Seus cabelos curtos em desordem, arrumados de maneira estudada e sua leve maquiagem cor de pêssego dão a ela um ar juvenil, quase doce, muito distante da mulher que tenho o costume de enfrentar.

- Estou procurando Bart, não sabe onde ele está?
- Provavelmente no último lugar onde você o deixou.

*Hum, jogo perigoso...*

– Amandine, não devemos obrigatoriamente ser inimigas, você sabe.

– No entanto, pensei que fosse isso o que você queria.

– Sem dúvida você percebeu, vivemos em um clã fechado. Faz dois anos que namoro com Barthélemy e é a primeira vez que ele se hospeda aqui. Os Diamonds têm uma história carregada, um passado pesado, não se entra assim na família, sempre há um exame de admissão. Bom, o seu é difícil, admito.

– Mas será que alguém sabe que não pedi nada? Todos vocês agem como se

eu mantivesse com ele relações contra sua vontade. Mas foi Gabriel que veio me procurar! Foi ele que me seduziu. E que me fez vir aqui, trabalhar para ele.

– Sei de tudo isso. Seu único erro é amá-lo. Mas acredite em mim, ele não reserva os mesmos privilégios a todas as mulheres que entraram em sua vida. Você entrou pela porta da frente. Creio poder dizer que foram só vocês duas que conseguiram isso.

– Então vou passar a vida à sombra de Eleanor?

– Só você pode fazer essa escolha. Mas eu a admiro, Amandine. Você é jovem e não se deixa levar, nunca desiste. Eu a vejo debater-se como uma leoa frente ao rolo compressor

Diamonds. É bastante impressionante. Eu gostaria de ter tido a coragem de viver um amor impossível... Mas os casamentos razoáveis também podem nos fazer felizes. Cabe a você saber o que quer.

– Está falando de Barthélemy?

– Acho que isso não lhe diz respeito.

Aliás, esta discussão nunca aconteceu.

Depois de uma ínfima piscada de cumplicidade, Celeste retoma o porte de cabeça altaneiro e o rosto fechado, assumindo novamente a fantasia de irmã altaneira, sublime e fria. Ela gira nos calcanhares e volta a partir em busca de seu noivo.

– Bart estava se escondendo no jardim da última vez que o vi!

De costas, ela varre minha frase com a palma da mão e desaparece na curva de um corredor.

Foi sozinha que dormi na cama grande demais, o ventre vazio e o coração apertado, e é Gabriel quem me acorda essa manhã com um beijo no nariz.

– Bom dia, Amande doce. Se o seu apetite voltou, o café está servido na sala de jantar. Posso mandar subi-lo se você preferir.

Resmungo enquanto me estiro e de novo entro debaixo dos lençóis, deixando passar apenas meus olhos semicerrados e minhas sobrancelhas franzidas.

– Onde você estava? E você, não vai tomar café? De qualquer maneira, não estou mais falando com você.

– Então estou lidando com a Amande amarga, esta manhã.

– Você me decepcionou.

– Teremos todo o tempo de falar sobre o assunto, prometo. Mas tenho um encontro precisamente às 10h00, organizado por mamãe com uma fotógrafa a quem admiro muito. A arte não espera!

Instantaneamente, pulo da cama, completamente nua e descabelada, sentindo o golpe desfechado com toda a força!

– Você não vai tentar me segurar...

Cubro meu corpo nu com o primeiro lençol que consigo pegar e fuzilo Gabriel com o olhar para fazê-lo esquecer esta ideia.

– Você resolve o caso Silas com um soco, apaga tudo o que vivi em um segundo, me abandona a noite toda e foge de madrugada porque tem um encontro com uma garota?! Gabriel, pode me explicar por que estou aqui?

– Seus ciúmes me excitam ainda mais que a sua nudez.

– Um encontro arranjado por sua mãe! Percebe o que ela está fazendo?

– Sim, sei muito bem. Mas acredite em mim, é tudo, menos um encontro. April Carter é uma artista renomada, expôs no mundo inteiro. É uma fotógrafa de moda, mas também a retratista das estrelas, foi ela quem fez o retrato oficial do presidente americano este ano. É um privilégio ela se interessar pelos Diamonds.

– Currículo impressionante... Mas estou pouco me lixando, Gabriel! Estou pouco me lixando. Você nem mesmo é capaz de ver que sua família inteira me

detesta e você se deixa levar! Sou uma pária nesta vila, nem mesmo sei o que estou fazendo aqui!

– Você vai tomar seu café, vai tomar um banho, assistir a um bom filme, há uma infinidade de escolhas na sala de cinema no segundo andar, vai aproveitar as suas últimas horas de liberdade e eu a encontro no almoço. Não vou mais largá-la. Logo você vai me suplicar para que a deixe respirar.

Enquanto falava, Gabriel colocou sua mão grande sobre a minha boca e mergulhou seus olhos azuis nos meus. Não sei o que me impediu de mordê-lo até tirar sangue. Talvez a doçura aveludada da palma de sua mão, o

cheiro divino de sua pele, a tensão sexual que emana de todo o seu corpo, o desejo de posse em seu olhar azul incandescente. Ou simplesmente sua promessa carnal que me eletrizou da cabeça aos pés.

*Deus, como você é fraca...*

Depois de haver visto meu amante desaparecer do quarto para ir a seu escritório a alguns passos de lá, precipitei-me para colar o ouvido à porta.

*Deus, como você é patética...*

Duas vozes de mulher ressoam no

corredor, entre elas a muito reconhecível de Prudence, que deve estar apresentando sua prestigiosa convidada a Gabriel. Luto com todas as minhas forças, mas não resisto à vontade de entreabrir a porta, apenas alguns milímetros, e o mais silenciosamente possível, para entrever a famosa April Machine. Pela minúscula moldura da porta, vislumbro uma grande silhueta corpulenta e uma cabeleira ruiva flamejante, que aceleram meu ritmo cardíaco. Enquanto ela aperta longamente a mão de Gabriel inclinando ostensivamente a cabeça, fecho um olho e concentro o outro nas formas voluptuosas moldadas em uma saia bege aberta e uma camisa de cetim preta e

dourada, decotada na medida certa. Meu olho esquerdo distingue um narizinho travesso em meio a seu rosto redondo de boneca, uma tez pálida e leitosa sobre maçãs do rosto cor de laranja, lábios combinando, que mostram uma cinquentena de dentes muito brancos e grandes óculos pretos fashion que vêm aprimorar o look da artista que se leva a sério. Ela é de fechar o comércio. Como poderia ser diferente?

Bato a porta com estrondo, desapontada, e vou cair na cama. Espero ao menos tê-los sobressaltado. E ter feito Prudence perder seu ar maravilhado e ter feito esta fotógrafa funesta engolir seu sorriso de beatitude.

Mergulho na leitura do romance que comecei no avião, esperando esquecer a entrevista pretensamente profissional que se desenrola a algumas paredes da minha. A tarefa seria menos árdua se não se tratasse de uma história de amor impossível entre uma pobre garota humana, Heloísa, e um vampiro sublime chamado Gabriel. Foi Marion que me emprestou Me morda, de Sienna Lloyd, dizendo-me que eu deveria me reconhecer aí. Não é meu gênero de leitura habitual, mas a história realmente prende e as coincidências são perturbadoras. Depois de duas páginas mais soft, chego a uma cena tórrida entre os personagens, em um cenário de libertinagem sadomasoquista.:

*"Gabriel então pega uma corda grossa e macia e começa a amarrar os meus pés aos da cadeira. Sente-se firmeza em seus gestos. Quantas mulheres coagiu assim? Ele vai buscar outra corda, mais longa, e sem deixar de me olhar, dá duas voltas em torno de meu busto para aprisionar meus seios, aperta os laços prendendo minhas duas mãos nas costas. Não posso mais mexer as minhas pernas, espero o que vem a seguir e estou molhada.*

*– Tenho vontade de passar a minha língua em seu sexo, mas você não merece.*

*O olhar de Gabriel é doravante animal, é o momento em que o vejo vacilar. Quando me deseja, ele ganha altura, parece maior e mais imponente. Seus olhos verdes se ensombrecem e eu posso ler, tremendo, as centenas de sevícias a que ele deseja me submeter.*

*A cavalo na cadeira, com os seios apertados, o sexo coberto pela calcinha vermelha, as mãos amarradas... Espero sentir o frio se apoderar de mim."*

A excitação que me ganha no decorrer da leitura a mim mesma surpreende. Mudo de posição,

endireitando-me na cama para tentar controlar minhas emoções.

*Obrigada, Marion, realmente isso está me ajudando muito.*

*"Eu me dou conta de que Gabriel está sério, mas penso sobretudo que ele quer jogar, me acuar, para poder trepar comigo. Esta noite sinto que a trepada será selvagem, que será violenta e quero descobrir seu lado sombrio."*

Eu sinto que... nada! "Meu" Gabriel está ocupado com sua boneca ruiva, sob a batuta aprovadora da megera da sua mãe, não vejo realmente como eu

poderia competir. Falo inglês como uma menina de oito anos, minha carreira e minha ambição estão próximas do zero, não sou fotógrafa e muito menos célebre, não tenho nem seu decote nem sua classe, não tenho... nada. A meu desejo nascente se misturam um ciúme doentio e, logo, uma ponta de angústia. E se esta garota o fizesse abrir os olhos? E se estivesse se dando conta, neste exato momento, de que não temos nada em comum? E que esta April Carter é exatamente o tipo de mulher de que ele precisa?

*"Ele se apodera da cadeira só com a força dos braços e a coloca na frente do canapé. Uma vez sentado, ele a faz*

*cair para frente. Meu rosto está a dois centímetros de seu sexo ereto. Tentando me manter em equilíbrio, tenho uma vertigem. De frente para trás, ele me balança entre suas coxas.*

*– Quero que você me chupe, que me aspire. Quero que machuque as bochechas e que só pare quando eu mandar.*

*As palavras duras de Gabriel me fazem tremer de desejo. Gabriel, este mágico que fez de mim uma amante disposta a tudo. Um segundo e seu membro penetra profundamente em mim, minha língua estala, meus movimentos são cadenciados e ele*

*preenche minha boca. Não tenho mais espaço para expirar e estou vermelha, embriagada com o seu pênis..."*

É demais. Fecho o livro e me ergo de um salto, o corpo em fogo, a cabeça fervendo. Inspiro profundamente, fechando os olhos. Péssima ideia: atrás de minhas pálpebras desfilam lembranças do corpo nu de Gabriel, de sua pele, de seus músculos, de seu sexo que eu amo tanto, em seguida se sobrepõem imagens de April de quatro em seu escritório, devorando meu amante. Visto o penhoar branco suspenso no cabide da luxuosa sala de banhos e saio do quarto correndo. Aproveito o curto trajeto no corredor

para amarrar a faixa em torno da cintura e entro ruidosamente no escritório de Gabriel, sem bater nem me anunciar, convencida de surpreendê-lo em flagrante delito.

Eu os encontro sentados lado a lado, ambos inclinados sobre a imensa tela do computador, os rostos a menos de cinco centímetros um do outro. O eterno sorriso no rosto de April não desaparece quando ela se volta para mim, ele se torna ainda mais largo quando vê os meus trajés. Em contrapartida, faz desaparecer discretamente a mão do antebraço de Gabriel, que me sorri por sua vez, com uma ternura que me parece infinitamente

desdenhosa.

– Amandine, precisa de alguma coisa? Talvez seja um problema com a banheira?

– Preciso saber. Pela última vez, Gabriel, pode me explicar o que está acontecendo?

– A Senhorita Carter estava me apresentando seu novo projeto: as grandes famílias americanas fotografadas em sua intimidade.

Diante de meu ar surpreso, April se levanta e me salva quase com elegância desta situação grotesca:

– Podemos fazer uma pausa. Onde

posso me refrescar?

Gabriel lhe indica o caminho e lhe faz sair do cômodo com uma galanteria que me exaspera. Nem mesmo espero ele ter fechado a porta para gritar novamente.

– Você me suplicou que eu viesse a sua casa. Por quê?

– Para trabalhar em uma grande empresa, para formá-la junto a um grande nome da comunicação, para viver a grande aventura no grande mundo, Amande!

– Não, esses são os projetos que você tem para mim. Estou falando dos seus projetos comigo.

– Não sabia que era tão caprichosa, Amande amarga. Não faz a mínima ideia da sorte que tem.

– Mas estou pouco me lixando para isso tudo! Me dê só uma boa razão de permanecer aqui.

– Você pode voltar a Paris se essa for a sua escolha.

– É *a sua* escolha! Mas eu só queria estar com você... Por que me traz aqui se é para fazer como se eu não existisse? O que é que eu sou: um rolo? Um romance de férias? A nova boneca com que você brinca? Um passatempo entre dois encontros de negócios? Vá se foder, Gabriel Diamonds!

Como fez uma hora antes no quarto,

ele de novo coloca uma mão firme em minha boca ainda vomitando palavras de raiva. Sua outra mão desamarra a faixa de minha cintura, que ele faz cair aos meus pés. Sempre me fazendo calar, ele me obriga a recuar até que eu caio na poltrona branca macia em que há pouco April estava sentada. Sem deixar de me olhar, ele vai recuperar a faixa branca caída no carpete e a amarra em torno de meus punhos, que prende às minhas costas. Como um fantoche, deixo que ele me manipule, petrificada por seu olhar ardente, seus gestos seguros e inapeláveis, em brasa com sua frieza impressionante. Quando Gabriel se põe de joelhos diante de meu corpo nu, hesito entre esbofeteá-lo ou enlaçá-lo

furiosamente, mas minhas mãos presas me impedem qualquer reação. Ele beija com delicadeza a pele fina da parte interna de minhas coxas e as palmas de suas mãos vêm acalmar o arrepio que nasce em minha pele. Todo meu corpo se tensiona quando meu amante enfia o rosto em minha intimidade. Finalmente deponho as armas, ao contato de sua boca com o meu sexo. Seus lábios se misturam aos meus em uma dança sensual e executada com perfeição. A língua quente de Gabriel parece me conhecer de cor: em alguns segundos, suas carícias divinas me fazem desmaiar de prazer. Jamais conheci gozo mais fulgurante.

– Bom dia, Amande doce. Acho que Amande amarga estava precisando relaxar.

– Nem todos os orgasmos do mundo o autorizarão a me abandonar.

– Será que me fiz perdoar?

– Será que podemos falar?

– Estou escutando...

– Não comece a suspirar.

– April é uma colaboradora, nada mais. Eu me sirvo dela tanto quanto ela se serve de mim. Admiro seu talento, ela admira meu sucesso. Sou sua futura obra de arte, ela é minha nova jogada de comunicação. Logo você vai saber. Mas você nada tem a temer com ela, meu coração tem a forma da amêndoa. Mais alguma coisa?

– Sim. Você disse tudo isso a Prudence?

– Ela sabe disso tanto quanto eu. E minha mãe não arranjou esse encontro esperando me "casar", acredite em mim, ela quer conservar seu filho só para ela. Outras perguntas?

– Gabriel, não tenho senão isso, perguntas. Por que você não educou seu filho? Por que foi Silas que se ocupou de Virgílio? Por que seu irmão era tão próximo de Eleanor? Por que ela se matou? Por que toda a sua família recusa a você o direito de amar de novo?

O olhar de meu amante se desvia para pousar no vazio, cheio de tristeza e de lassidão. Depois de um longo suspiro,

ele retoma penosamente:

– Porque a vida é complicada, Amandine. Porque os homens são assim, fracos, complexos e imperfeitos. Porque mesmo que seu jovem cérebro cartesiano se recuse a compreendê-lo, nem tudo é preto nem branco.

– Obrigada por esta lição de vida, senhor Diamonds. É absurdo como por vezes você pode ser arrogante, desdenhoso! Não o reconheço.

– Você já me conhece bem demais.

– E você não respondeu a nenhuma de minhas perguntas. É simples, você se fecha todas as vezes que tento escavar. Diz que não posso entender, mas nem mesmo tenta! Não fala comigo, não me

explica, com você estou no escuro!

– E você lê com muita clareza dentro de mim...

## 4. Ida-e-volta

---

De: Amandine Baumann

Para: Émilie Maréchal

Assunto: Olá!

Olá ex-colega! Estou dando os primeiros passos no mundo da comunicação, e "made in U.S.A.", por favor atente para o timbre! Queria que você tivesse a primazia de ver meu e-mail profissional... Chique, hein?

Como estão as coisas com Éric e o

novo estagiário? Ele é bom? Conte-me tudo!

Beijos,

*Amandine Baumann*

*Public relations assistant -  
Communication and Sponsorship  
Officer*

*Encarregada de comunicação,  
parcerias e relações públicas*

**DIAMONDS COMPANY**

---

---

De: Émilie Maréchal

Para: Amandine Baumann

Assunto: RE: Olá!

Uau, estou impressionada! E contente

demais por você, você merece.:)

Aqui nada de novo, Éric está tenso, como sempre, o novo rapaz é top, Diamonds não mentiu para nós. Mas você nos falta muita falta!

Enfim, está certa de que é uma boa ideia, no primeiro dia, mandar e-mails pessoais de sua caixa de e-mails profissional?

---

---

De: Amandine Baumann

Para: Émilie Maréchal

Assunto: RE: RE: Olá!

Esperre um pouco, você se esquece quem é o patrão?;)

Não tenho nada a fazer por ora,  
espero a minha primeira sessão de  
formação...

Não se preocupe comigo e se cuide,  
não deixe Éric deixá-la louca!

Da próxima vez que passar por Paris,  
darei um oi. Boa sorte!

*Amandine Baumann*

*Public relations assistant -  
Communication and Sponsorship  
Officer*

*Encarregada de comunicação,  
parcerias e relações públicas*

**DIAMONDS COMPANY**

---

Decido fazer outra coisa para melhor  
matar o tempo, tenho a impressão de que

este primeiro dia não vai acabar nunca. Todo mundo é muito simpático comigo, mas aparentemente eles não estão decididos a me fazer trabalhar. Nem mesmo tenho o direito de fazer fotocópias ou preparar café... Deve estar escrito "Diamonds" em letras piscantes em minha testa.

*S.O.S. melhor amiga!*

---

De: Amandine Baumann

Para: Marion Aubrac

Assunto: *Help!*

Bom, Émilie deve estar lotada de trabalho, ela banca a estraga-prazeres

porque estou enviando e-mails de meu endereço de e-mail profissional! Ajude-me, faça-me rir! Todo mundo aqui é tão sério, estou morrendo de tédio!

*Amandine Baumann*

*Public relations assistant -  
Communication and Sponsorship  
Officer*

*Encarregada de comunicação,  
parcerias e relações públicas*

**DIAMONDS COMPANY**

---

---

De: Marion Aubrac

Para: Amandine Baumann

Assunto: RE: *Help!*

Você está tão fanfarrona com seu timbre! Realmente será este todo o seu ofício? De cada duas palavras, entendo uma.

E eu também me entedio, imagine! Tristan está todo o tempo metido em minha casa, não quer fazer nada, está ranzinza, acho que está um pouco deprimido. Eu lhe propus que tomasse cianureto há pouco, nem mesmo riu.

Ei americana, será que também vai partir meu coração? Não vai encontrar uma nova melhor amiga em sua *company*, vai?



De: Amandine Baumann  
Para: Marion Aubrac  
Assunto: RE: RE: *Help!*

Bem, seria preciso que alguém me dirigisse a palavra... devo meter-lhes medo porque sou a mulher do chefe!  
Em contrapartida, acho que meu superior agradaria a você. Jovem yuppie de terno, corpinho musculoso e belo traseiro, cabelos grisalhos mas cara de bebê, dir-se-ia George Clooney com vinte anos a menos. Ele se chama James Anderson.

*Amandine Baumann*

*Public relations assistant -  
Communication and Sponsorship*

*Officer*

*Encarregada de comunicação,  
parcerias e relações públicas*

*DIAMONDS COMPANY*

---

---

De: Marion Aubrac

Para: Amandine Baumann

Assunto: RE: RE: RE: *Help!*

OK, não se mexa, estou chegando!

Marion Anderson, soa bem, não?

---

---

De: Amandine Baumann

Para: Marion Aubrac

Assunto: RE: RE: RE: RE: *Help!*

Bom, esqueci o detalhe fatal: ele usa uma aliança...

Pobre Tristan, isso me entristece. Diga-lhe que penso nele. Não, diga-lhe que mando um beijo. Não, não diga nada a ele.

Preciso ir, James me faz salamaleques para saber se posso me dar ao trabalho de segui-lo à sala de reuniões.

Estou com saudades, Marionnette!

Beijos

*Amandine Baumann*

*Public relations assistant -  
Communication and Sponsorship  
Officer*

*Encarregada de comunicação,  
parcerias e relações públicas*  
**DIAMONDS COMPANY**

---

Antes de entrar no xis da questão, James me diz que, a pedido do Sr. Diamonds, só trabalharei meio-período e terei liberdade para organizar minha agenda como o desejar. Minhas missões poderão ser cumpridas nos espaços da Diamonds Company ou à distância, de acordo com minha vontade. Agrada-me não ter de passar os três próximos meses fechada entre quatro paredes em meio a esses executivos engravatados, mas suspeito que Gabriel queira poupar sua nova protegida.

*Genial, ele não acredita que eu esteja à altura!*

Meu amante também deve esperar que eu não vá passar tempo demais longe dele (e portanto, junto de outros homens), o que é antes lisonjeador, mas não estou certa de que este tratamento preferencial seja muito bom para minha integração. E pensando bem, não foi realmente o que ficou combinado quando aceitei vir trabalhar aqui!

*Genial, ele já está começando a mudar as regras!*

Rapidamente, travo amizade com James. "Amizade" talvez seja uma

palavra forte demais, mas aprecio a franqueza e o senso de humor do trintão, que dá provas de grande paciência diante de meu inglês impreciso e parece disposto a me ensinar todos os truques do ofício em formação acelerada. Gabriel tinha razão, ele só se cerca dos melhores e Anderson não se esquece de ser simpático, leal e pedagógico, além de ser comunicador ímpar. Em uma semana, aprendi mais com ele que durante os seis anos de estudos na universidade.

Neste princípio de junho, os 26 °C que reinam em Los Angeles tornam os meus dias de trabalho mais do que agradáveis, entre reuniões nos prédios

suntuosos da D.C., encontros semiprofissionais nos lugares chiques da Califórnia e pequenos mergulhos na piscina dos Diamonds. Vivo um sonho acordado, meu próprio sonho americano, enquanto jamais havia sido tentada por este destino um pouco joia demais para meu gosto. Gabriel tem muita responsabilidade nisso, é claro, mas até Celeste está mais agradável, Prudence me deixa mais ou menos em paz, Silas se mostra discreto (certamente muito ocupado com uma de suas numerosas conquistas) e Virgílio saiu em viagem de fim de ano.

*É bom demais para ser verdade,  
Amandine...!*

Só o telefonema de minha irmã poderia vir perturbar minha serenidade e minha felicidade completa. Hesito em atender e já antevejo os motivos de seu telefonema: queixar-se do frio parisiense, de seu marido ausente, de seu bebê chorão ou do tédio mortal provocado por sua licença maternidade...

– Camille, deixe-me adivinhar. Você não dormiu à noite, ainda estão nascendo os dentes de Oscar? Não, ele golfou o purê de cenouras em sua cara? Caroteno é bom, você sabe, dá um bom aspecto!

– Amandine, você tem de voltar para a França.

– Ah! Ah! Eu a amo, minha irmã. E também sinto muitas saudades de meu sobrinho, mas não vou pegar um voo L.A.-Paris para limpar cenoura amassada.

– Mamãe está doente. Ela perdeu onze quilos esse mês, tem repetidos mal-estares e seus cabelos estão caindo aos punhados. Ela acaba de se hospitalizar. Acho que você deveria voltar.

– O que? Mas o que é que ela tem? Achei que estava de regime. Falei com Simon pelo telefone há dois dias, ele me disse que estava tudo bem em casa!

– Não queríamos preocupá-la. Os médicos não encontram nada, mas seus últimos exames não são bons. Vi papai

chorar há pouco, acho que você devia estar aqui.

– Merda, Camille. Mamãe não vai morrer, hein?

– Quando você acha que vai poder vir?

Sinto o chão sumir debaixo de meus pés. O pânico me ganha e minhas pernas bambas se põem a correr na direção do escritório de Gabriel. Eu me jogo em seus braços, onde posso deixar minhas lágrimas rolares e lhe contar as notícias atrozes entre dois soluços. Ao mesmo tempo em que me aperta de encontro a ele, meu amante toma as providências. Ele gerencia situações de crise melhor do que ninguém e eu confio inteiramente

nele quando o ouço telefonar para seu piloto para preparar o jato particular. Em alguns minutos, uma camareira nos traz duas maletas com as nossas roupas e Gabriel continua a dar telefonemas com um sangue-frio exemplar. Sua ternura e sua abnegação me desarmam enquanto ele seca minhas lágrimas com seus beijos, prometendo-me que tudo vai ficar bem. Não sei se posso acreditar nele, mas não poderia desejar melhor apoio para este golpe do destino.

Aterrissamos em Paris doze horas mais tarde, às quais vêm se acrescentar as nove horas de diferença de fuso horário em relação a Los Angeles. Não consegui pregar o olho e passei todo o

voou a rever imagens de minha mamãe adorada como se fossem as últimas. É extenuada que, enfim, a encontro, frágil e minúscula em sua cama de hospital com lençóis verde-claros. Seu rosto pálido e o corpo mais magro a deixam irreconhecível. Esta visão de horror me faz chorar cada vez mais, mas ainda é ela que me consola e me pede que não me apavore. Chega a esboçar um sorriso quando vê Gabriel, que vem lhe segurar delicadamente a mão, murmurando gentilezas.

*Deus, como eu os amo, esses dois...*

Ele promete a minha mãe tomar conta de mim enquanto ela vai tomar conta de

si, e uma enfermeira da UTI nos pede para sair do quarto para deixá-la descansar. Voltamos de táxi para a casa de meus pais e eu me comovo vendo Gabriel penetrando pela primeira vez na casa de minha infância. Conhece meu irmãozinho Simon, que tem a habilidade de desanuviar a atmosfera com suas piadas pesadas a respeito dos talentos de cozinheiro de meu pai. Pedimos pizzas em que mal tocamos e voltamos a conversar em volta da mesa baixa da sala. Meu amante se mistura com pudor e discrição com o ambiente, eu admiro sua facilidade para se adaptar tão bem a todas as situações. Papai não sabe mais onde se enfiar quando Gabriel lhe propõe, se minha mãe estiver de acordo,

vir se tratar em Los Angeles, por conta dele, é claro. Ele já tomou a liberdade de contatar um médico especialista em diagnósticos, pronto para acolhê-la em sua clínica e em lhe fornecer os melhores tratamentos. Os Diamonds teriam prazer em hospedar a família Baumann em sua casa durante sua estada. Abraço meu amante, feliz por descobri-lo tão generoso, tão devotado aos que me são caros, e aliviada por imaginar minha mãe entre as mãos dos melhores médicos americanos.

– Putz, mamãe vai ver o Dr. House!

– Não seja grosseiro, Simon!

– OK, nenhum palavrão mais até os Estados Unidos, entendi!

– Não, você vai fazer vestibular no fim do mês, irá morar na casa de sua avó.

– Está brincando?! Eu não vou?! E por que não posso ir para a casa de Camille?

– Porque eu também vou, idiota. Não vou deixar mamãe sozinha. Por uma vez, minha licença-maternidade serviu para alguma coisa.

– Eu preferia poder eu mesmo cuidar de minha família, mas não vejo como recusar uma oferta como essa. Quero dar todas as chances a minha mulher, não posso viver sem ela.

A voz de meu pai falha e ele se levanta com dificuldades para vir

apertar a mão de meu amante, engolindo as lágrimas que lhe sobem aos olhos. Faço o mesmo com as minhas.

– Sou infinitamente grato a você, Gabriel.

– Fechado, organizarei sua transferência amanhã pela manhã. Se a Sra. Baumann o quiser.

– Oh! ela vai querer, não se preocupe com isso, ela está se deteriorando neste hospital, responde Camille com amargura. Vou voltar para casa para arrumar as coisas de Oscar e as minhas. Nos encontramos às 9h00 no hospital? Você encontrou um bom homem, Amandine.

Minha irmã vai embora com o filho, depois de nos ter beijado a todos, Simon sobe para dormir, suspirando e arrastando ruidosamente os pés, logo imitado por meu pai, com a aparência cansada. São muitas emoções para nossa família de vidinha pacata, mas ver-nos todos tão unidos na adversidade diminui um pouco o meu sofrimento. Não há nada mais a fazer a não ser esperar que minha mãe se cure do mal misterioso que a corrói. E organizar a futura noite com meu extraordinário milionário na modesta cama de solteiro de meu quartinho de adolescente.

– Você prefere que a gente durma em meu apartamento?

– Acho que você devia ficar perto dos seus.

– Posso desdobrar para você o sofá da sala. Sinto muito não ter melhor a oferecer. Depois de tudo o que fez por nós...

– Não posso estar em parte alguma além daqui, de sua cama.

– Jamais caberemos os dois. E os seus pés vão passar da cama, e...

Meu amante faz eu me calar, beijando-me suavemente. Tira a camiseta, revelando inocentemente seu corpo de efebo, depois a calça, antes de se deitar de cuecas em minha pequena cama.

## *Um verdadeiro apelo ao crime...*

Eu me dispo, por minha vez, e venho fazer um cantinho no que me resta de cama. Deitados ambos de lado, ficamos de frente um para o outro e misturamos as nossas pernas para ganhar espaço. Nossos bustos e nossas bacias se encaixam naturalmente, não consigo reprimir um desejo crescente que nasce do contato de nossas peles. Nossos rostos estão tão próximos que tenho a impressão de respirarmos o mesmo ar. Meus olhos não querem deixar os seus lábios e eu não consigo evitar beijá-lo. Talvez um pouco mais sensualmente do que desejava. Meu amante por demais equilibrado me acaricia os cabelos,

murmurando:

– Será razoável?

– Nunca precisei tanto de sua força, de seu calor, de seu amor.

– Em sua cama de adolescente? Debaixo do teto de seus pais?

– Aqui e agora. Nunca o amei tanto quanto esta noite. Só você consegue me manter de pé quando todo meu mundo desmorona.

– Não suporto sabê-la triste, assustada. Não deixarei a vida feri-la, não você.

– Então me faça sentir viva. Faça amor comigo, Gabriel, para conjurar a sorte.

Com uma doçura infinita, meu amante faz deslizar minha calcinha ao longo de minhas pernas e me vira de costas para ele, ainda deitada de lado. Afasta minha cabeleira para dar longos beijos em minha nuca e em meus ombros, ao mesmo tempo em que acaricia lentamente meu ventre, meus seios, minhas coxas. Suspiro a esse desejo que me habita e estendo o braço para trás para mergulhar minha mão em seus cabelos sedosos. Seus dedos se infiltram sutilmente entre meus lábios, ele acaricia meu clitóris como se fosse a mais preciosa das joias. Essas delícias fazem minha bacia, que logo encontra o sexo de Gabriel se elevando às minhas

costas, ondular. Com uma mão hábil, ele penetra em mim com um langor inconcebível que me faz perder a cabeça. Meu amante costumeiramente bestial se faz terno e delicado enquanto me penetra, amorosamente, como se em câmara lenta. No silêncio e na escuridão de meu quarto, eu me abandono a meu prazer, sentindo também o gozo de Gabriel às minhas costas quando ele me abraça pela cintura e me aninha de encontro a seu corpo ardente. Dormimos assim, imbricados, emaranhados, neste instante inseparáveis.

Amanhã, voaremos para a Califórnia, onde nossas duas famílias estarão reunidas.

*Meu Deus, diga-me que minha mãe não vai pagar com a vida por minha felicidade insolente.*

## 5. Na vida e na morte

*Oh!... Meu... Deus!*

Há uma semana, meu pai deixou sua casinha e seus alunos dos arrabaldes parisienses para acompanhar sua esposa moribunda do outro lado do Atlântico. Há uma semana, ele se desloca entre uma clínica particular cinco estrelas e uma vila luxuosíssima, tendo como interlocutores privilegiados grande expoentes da medicina americana, a grande burguesa elitista Prudence e o emérito homem de negócios George

Diamonds, que se desdobram para deixá-lo à vontade apesar de sua incorrigível e irritante mania de permanentemente pedir desculpas. Se minha mãe não estivesse doente, seria quase cômico.

*Respire, papai, respire...*

Há uma semana, minha irmã mais velha, Camille, passou de dona-de-casa desesperada e mãe de família esgotada a rapariga em flor, maravilhando-se com tudo, rindo por qualquer motivo, aproveitando a fundo sua primeira viagem aos Estados Unidos e seu novo status de convidada mimada. Não a ouvi uma única vez pronunciar o nome de

Alex, que ficou em Paris por causa do trabalho, e talvez para grande alívio dos dois. Tampouco a vi se ocupar muito de Oscar, que passa de braço em braço balbuciando, aprendendo a andar com um Silas muito aplicado, se mexendo na piscina com um Barthélemy muito atento e conseguindo até arrancar alguns sorrisos da insensível Celeste. Se minha mãe não estivesse doente e se Camille não aproveitasse para se aproximar perigosamente do irresistível Silas, seria quase tocante.

*Estou de olho em você, minha irmã!*

Há uma semana, corro do edifício D.C. para a cabeceira de minha mãe e

para os braços de Gabriel, equilibrando meu trabalho de meio-expediente, minha família e meu amante, percorrendo as ruas de Los Angeles como se sempre tivesse morado aí e os corredores da suntuosa residência como se ela nem mesmo me subjugasse mais. Virgílio também sucumbiu aos charmes do pequeno Oscar, contente demais por não ser mais o bebê da casa e ocupado demais bancando o irmão mais velho para pensar em me agredir ou me olhar de soslaio. Até mesmo meu intratável Gabriel se transforma em marshmallow gigante diante desse pequenino. Por vezes eu o surpreendo fazendo caretas improváveis e pequenas vozes surrealistas para fazê-lo rir, embalando-

o ao abrigo dos olhares ao mesmo tempo em que trabalha em seu iPad, e sorrindo como um menino quando Oscar toca na tecla errada e apaga todo o e-mail que ele acaba de escrever. Se minha mãe não estivesse doente e meu amante não estivesse com tanto medo do compromisso, este seria quase o sinal de um futuro feliz.

*Bebê Oscar, você é um dom do céu!*

Enquanto eu me dava conta da presença de meus próximos no campo de batalha dos Diamonds, esta mistura espantosa parecia apaziguar as tropas nos dois campos. Eu me surpreendo a imaginar nossos quatro pais amigos e

todos bem vivos, minha mãe curada, nossos irmãos e irmãs em paz e todos os fantasmas desaparecidos... Em meus momentos de serenidade, eu me permito mesmo imaginar Gabriel como marido e pai de meus filhos (ao menos três), uma carreira nos Estados-Unidos (que não tome muito tempo), uma bela casa espaçosa e rica (mas não chamativa) e um cachorro.

*Facultativo, mas um golden retriever completaria muito bem o cenário!*

Acordo sobressaltada no meio de um enésimo sonho meloso, não tão distante da verdade, e verifico que não perturbei

o sono de meu belo amante que dorme nu debaixo dos lençóis, antes de me dar conta de que estão batendo devagar na porta, sussurrando. Não reconheço a voz resfolegante antes de ir abrir a porta para o rosto em pânico de Camille.

– Posso falar com você?

– Às 4 horas da manhã?

– Isso não pode esperar... Será que pode se vestir?

– Você está com uma cara de fazer medo. Já vou!

Enfio um short de algodão e uma camiseta de alças antes de me encontrar com minha irmã em seu quarto, preocupada com o que ela podia ter a

me dizer no meio da noite. Ela não teria se dado ao trabalho de sussurrar se se tratasse da saúde de minha mãe, é a única coisa que me tranquiliza. Camille me recebe no corredor e não parece disposta a me fazer entrar.

– Não faça barulho, Oscar está dormindo ao lado.

– Era o que eu estava fazendo também há dois minutos.

– Podemos falar de mim ou não?

– O que é que há?

– Fiz uma coisa que não é terrível, acho. Ou completamente estúpida.

– Você acha?

– Silas acaba de sair daqui.

– Silas acaba de... Ele estava...

Porque... Depois de ter... feito o que acho que ele fez?!

– Sim, eu dormi com ele.

– Mas Camille, está completamente louca?

– Eu sei...

– Você é casada, seu filho não tem nem 1 ano, Alex está em Paris trabalhando, você perdeu a cabeça?!

– Acabei de dizer que era estúpido, não precisa me dizer tudo isso!

– Mas você queria que eu dissesse o que? Você acaba de me acordar no meio da noite, foi para que eu reagisse?!

– Não, para ter o apoio de minha irmãzinha!

– Apoiar você? Você engana seu marido com o irmão gêmeo de meu

homem enquanto mamãe está entre a vida e a morte! Você me pede para APOIAR VOCÊ?!

– Não precisa gritar! É fácil para você, com sua vidinha perfeita, seus princípios, seu sucesso. Você tem todos os homens aos seus pés, quanto a mim, faço o que posso!

Celeste passa no corredor nesse momento, os pés descalços, de camisolinha verde-maçã, um copo d'água quase cheio na mão e para por um instante, cruzando com os nossos olhares. Não sei o quanto ela pôde apreender de nossa conversa, mas torna a ir embora quase imediatamente suspirando, em voz alta o bastante para

que escutemos:

– Mas por que estes dois giram sempre em torno das mesmas mulheres?

Camille fica petrificada, em pânico:

– Acha que ela ouviu tudo?

– O bastante para tirar esse tipo de conclusão..., respondo, pensativa.

– Não, claro que não, mas é preciso sobretudo que não se saiba disso!

– Mas por que será que ela disse isso?

– Pouco importa! Acha que ela vai repeti-lo?

– Os irmãos Diamonds e as irmãs Baumann, está certo, mas quem mais

antes de nós?

– Amandine, podemos voltar a meu problema?

– Ela falava necessariamente de Eleanor...

– Alô, tem alguém aí? Impacienta-se minha irmã.

– É só o que posso imaginar, Silas e Gabriel devem ter brigado por ela...

*Era só o que faltava...*

Enquanto Camille, irritada, volta ao quarto resmungando queixas que nem mesmo ouço, permaneço sentada no corredor, encostada à parede, os braços moles, encaixando em minha cabeça novas peças do quebra-cabeça sórdido.

Este combate entre irmãos pelo amor de Eleanor explica um pouco melhor a promessa à qual Silas se apegava tanto, a descrição de Gabriel em relação ao assunto, o triângulo amoroso que eu havia pressentido, Virgílio educado pelo tio desde o nascimento... Uma nova questão me salta aos olhos: e se ele realmente não fosse o filho de seu pai? E se tivesse sido por esta razão que Eleanor, corroída pela culpa, se suicidara?

Depois de uma noite agitada, estou novamente à cabeceira de minha mãe, que percebo um pouco mais pálida a cada dia. Os médicos falam de uma patologia do sangue, descartaram uma

leucemia, mas não dão nenhum outro diagnóstico preciso. Esta espiral é infernal: quanto mais o tempo passa, menos eles descobrem, e mais ela perece. Sua impotência me remete à minha e me faz afundar em um imenso desespero que começa a abalar meu eterno otimismo.

*E se ela nunca se recuperasse...? E se passasse o resto da vida a se acabar nesta cama...?*

A única boa notícia a que tento me agarrar é sua perda de peso, enfim contida graças às perfusões que a alimentam. Mas sua pressão está tão baixa que todos tememos que ela entre

em um coma do qual não estamos certos de poder acordá-la. Quero aproveitar cada minuto de lucidez de minha pobre mãe, mas minhas visitas cotidianas são tão penosas para ela quanto para mim. Hoje, mais do que os outros dias, tenho todas as dificuldades do mundo para entrar neste quarto de hospital, por mais luxuoso que seja. Quando me aproximo da janela de vidro que dá em sua cama, percebo Gabriel sentado ao lado dela, o ar sombrio e solene, sua grande mão viril fechada sobre os dedos magros de minha mãe. Pedacos de sua conversa se filtram pela porta entreaberta e me fazem subir as lágrimas aos olhos.

– Prometo à senhora tomar conta de sua filha [...] jamais fazer mal a ela. [...] Não sou perfeito, não sou muito fácil de conviver, sei disso [...] Permanecerei junto dela tanto tempo quanto o desejo. [...] O compromisso não é meu forte, mas não vejo mais meu futuro sem ela. [...] Não digo essas coisas facilmente [...] Amo a sua filha, senhora Baumann [...] Eu a amo.

Entro ruidosamente no quarto para ir apertar minha mãe em meus braços. Tão forte quanto o permite a fraqueza de seu corpo. Não consigo pronunciar uma só palavra e vou embora correndo, cheia de lágrimas no rosto. No trajeto de volta, no carro que Gabriel alugou para

mim, continuo a soluçar, pensando novamente em suas palavras, em suas primeiras palavras de amor, que ele preferiu reservar a minha mãe mais do que a mim. E no sentido que estas palavras adquirem no leito de uma mulher doente, como se ele se confessasse antes que fosse tarde demais. Sua declaração de amor se assemelhava a uma sentença de morte.

Choro cada vez mais, surpreendendo-me com ciúmes de minha mãe moribunda. Torno a chorar ao pensar que meu amante cruel não confessa enfim seus sentimentos senão porque logo ficarei órfã. Choro ao pensar que ele não quer ficar comigo a não ser pelo

fato de que ficarei sozinha. Choro e continuo a chorar ao me dar conta de que ele já a vê morta, enquanto que eu não a vi assim nem por um só segundo. Já choro minha mãe. E continuo a chorar, confessando a mim mesma que o amor e a morte erram juntos no mundo Diamonds.

Chegando à vila, ignoro de propósito o mordomo que me recebe com seu sorriso diligente e por pouco não esbarro com a camareira que se acha no meio do caminho, no corredor. Vou me enfiar na grande cama forrada, mergulhando o rosto molhado nas almofadas brancas.

– É muito perigoso dirigir chorando tanto.

– Gabriel? Como você fez...

– Minha Amande, as suas lágrimas me desolam.

– E as suas palavras dilaceraram meu coração.

– Você não deveria ter ouvido isso.

– E você nunca deveria ter dito isso!

Não a minha mãe! Não se você não pensa isso!

– Amande doce...

– Você é um covarde, Gabriel. Dizer palavras tão penetrantes a uma mulher que morre, mentir para ela só para tranquilizá-la, passar pelo genro ideal. E por quê? Para que parta em paz? Você a

enterrou ao lhe dizer isso! Você zomba dela, de mim, tudo em você é falso! Não sei quem você é! E nem mesmo sei se você sabe.

– Mesmo que eu dissesse que penso isso, você não acreditaria em mim.

– Então me diga! Por que você é incapaz? Por que faz isso comigo?

– Não sei, não quero...

– Não o que? Me fazer promessas que não vai cumprir? Nisso você é especialista!

Gabriel se lança impetuosamente sobre mim, me aperta duramente os ombros com as suas mãos ferozes, prestes a explodir. De cólera ou de tristeza, não sei. Sua resposta é um grito

dilacerante que faz tremerem as paredes.

– Não quero amá-la! A única mulher a quem eu disse estas palavras as levou com ela. Não quero dar a você meu amor e correr o risco de você me tomá-lo de volta. Não quero querer passar o resto da vida com você e você, por sua vez, me abandonar. Não quero deixar a você o poder de me destruir! Não quero amá-la e não chego a isso, Amandine!

Seu desespero e sua sinceridade me deixam sem voz. Estas confissões arrancadas continuam a não ser amor, mas talvez a mais bela prova que ele possa me dar. Escapo ao seu domínio e pego seu belo rosto triste entre as

minhas mãos. Eu o faço sentar-se perto de mim no grande leito branco imaculado e o beijo no rosto, nos olhos, nas bochechas, no nariz e finalmente na boca. Seus lábios doces e cheios me retêm. Nosso beijo se eterniza e nós rolamos nos lençóis, tirando uma a uma nossas roupas, que se tornaram incômodas. Nossas peles juntas se acariciam, se consolam como podem de nossos sofrimentos. Nossos corpos se enlaçam como sabem tão bem fazê-lo, nossos desejos se adivinham, nossas mãos se encontram, nossas línguas se enrolam, nossas pernas se emaranham, e nossos sexos se unem em um prazer puro, imenso. Gabriel faz amor comigo em silêncio, me apertando contra ele e

me beijando sem parar, me sufocando com seu amor que não diz seu nome. É chorando que gozo, um longo e lento orgasmo, intenso, profundo e repleto de melancolia.

– Minha Amande sombria, não sei como fazê-la feliz. Diga-me o que tenho de fazer.

– Minha mãe vai morrer. Meu pai o ignora. Minha irmã está enlouquecendo. Meu irmãozinho está sozinho na França. E meu amante não pode me amar. Nem mesmo me explicar por que...

– Isso eu posso. Vou fazê-lo por você. Espero não lamentar.

Gabriel inspira profundamente ao

mesmo tempo em que fixa o teto. Acho que chegou a hora da verdade.

– Eleanor estava doente, torturada, depressiva, ferida. Quis morrer dezenas de vezes. Ela me amava, mas não amava a vida. Ela também amava Silas, era seu confidente, seu melhor amigo. Durante todos esses anos, formávamos um trio estranho, complexo, inseparável. Quando eu não aguentava mais, quando não suportava vê-la fazer mal a ela mesma e não conseguia lhe incutir a vontade de viver, era Silas quem me substituía para impedi-la de naufragar. Ele a salvou mais de uma vez. Meu irmão estava completamente apaixonado por ela, eu sabia disso, ela sabia disso.

Mas nunca aconteceu nada entre eles. E se for o caso, não quero sabê-lo. Acreditei que nosso filho fosse mudar tudo, consertá-la, devolver-lhe a serenidade... Mas Eleanor jamais esteve tão mal quanto depois do nascimento de Virgílio. Ele tinha apenas uma hora de nascido quando ela me pediu para partir, para deixá-la morrer, para me deixar em paz, para que aquela criança não crescesse com uma mãe louca. Ela me rejeitou, rejeitou nosso filho, destruiu todas as minhas esperanças, não o suportei. Eu estava louco de raiva, de dor, fugi como um covarde. Desapareci durante três dias. Quando voltei à maternidade, estava decidido a lutar por ela, a assumir

minhas responsabilidades, a lhe dar tudo. Foi Silas que me anunciou que ela se suicidara. Uma hora depois que fui embora. Há treze anos, eu me considero o único responsável por sua morte. Nunca me perdoarei. E não consegui aceitar meu próprio filho, que tanto me lembrava sua mãe, que sem cessar me remetia a esta culpa. Confiei Virgílio a Silas, que o educou com a ajuda de meus pais. Também destruí a vida de meu irmão, enquanto eu me reconstruía, enquanto me afogava no trabalho, ele consagrou seus primeiros anos a este rapazinho. E à promessa que fez a Eleanor naquele dia. Quanto a mim, prometi a mim mesmo nunca mais amar

a quem quer que fosse. Até você...

Terminado seu trágico relato, meu amante me olha com seus olhos úmidos que parecem implorar meu perdão. Em choque, com os olhos secos e o coração em pedaços, deixo estas palavras duras saírem de minha boca:

– Você a abandonou. Como me abandonará. Como posso continuar a amá-lo depois disso? Vá embora, Gabriel, deixe-me.

Sozinha no escuro, ainda nua sob os lençóis, sinto-me como que aturdida. O monólogo de meu amante teve em mim o efeito de uma bofetada. Eu que esperava

conhecer a verdade, não sinto nada, estou vazia, anestesiada, aniquilada. Meu celular toca, atendo maquinalmente, sem saber o que faço nem por que o faço.

Do outro lado da linha, uma voz deformada me aplica o último golpe no queixo:

– Ainda estou aqui. E não acabei com você.

Corvo: 1 – Amandine: 0; vitória por nocaute.

**Continua!**

**Não percam o episódio a  
seguir!**

**In your store:**

# **200 posições do Kama-Sutra**

